

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE NOVEMBRO DE 1916

ANO I—N.º 9

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO:
ANO... .. 1\$00 SEMESTRE... \$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

TELEGRAMAS EM VIAGEM

É sem duvida o telegrapho um poderoso auxiliar para o conforto e socego do viajante. Mas no nosso paiz é ainda tão deficiente que muitas vezes nos causa, a sua falta, a maior arrelia.

Não queremos porém dizer que, esse serviço, é mal feito, antes pelo contrario, o telegrapho do Estado merece-nos muita simpatia, sobre tudo pela diligencia do pessoal em bem servir o publico.

Mas, o nosso reparo, está na colocação que, em certas localidades são postas as estações telegrapho-postaes. Estão sempre em sitios menos centraes com grave prejuizo para o publico. Será isso da dificuldade de encontrar casa capaz em local mais proprio? Talvez. Mas não é uma razão forte, e com um pouco de mais boa vontade, conseguir-se-hia o desejado fim.

Porque não hade haver dentro das proprias estações dos caminhos de ferro, uma estação telegraphica?

Responder-nos-hão que ela existe até no mais inferior apeadeiro. O telegrapho do caminho de ferro, que tambem recebe telegramas particulares.

Assim seria, certamente, se fosse possível fazer-se um serviço perfeito. Começa porque é cara a tarifa estabelecida para os telegramas particulares, 43 centavos por cada 20 palavras. Depois a demora da expedição e entrega d'esses telegramas é ás vezes de tal ordem, que levaria menos tempo se escrevessemos pelo correio.

Não nos queixamos do caminho de ferro, pois reconhecemos que a complexidade do seu serviço telegraphico o obriga a pôr muitas vezes de parte os telegramas particulares.

Mas a resolução do problema afi-

gura-se-nos um tanto facil. Não queremos já em todas as estações principaes dos caminhos de ferro, mas nas dos entroncamentos e fronteiras, era de absoluta necessidade que as administrações ferro-viarias, cedessem uma dependencia da plataforma da estação um pequeno departamento para n'ele se instalar a repartição postal.

Por exemplo na Barca d'Alva, Regoa, Ermezinde, Pampilhosa, Entroncamento, Abrantes, Vilar Formoso, Guarda, existem a dois passos das estações ferro-viarias, estações telegrapho-postaes, que podiam muito bem ser transferidas, como acima dizemos, para as plataformas das estações, tendo uma entrada pela *gare* e outra pela rua, para o publico. Resultava d'ahi consideraveis beneficios para o viajante, e para o correio que, estando junto do caminho de ferro, mais simplicidade teria nos seus serviços.

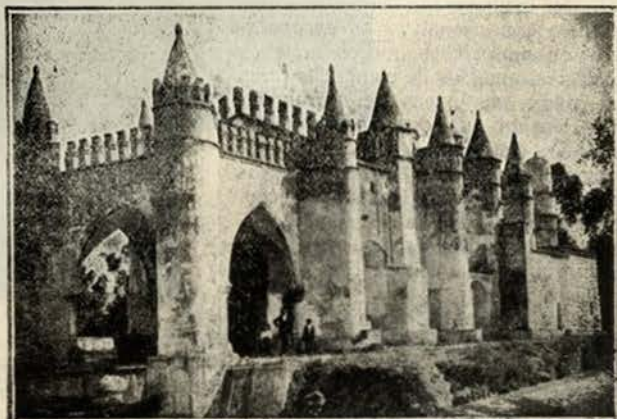
O passageiro, teria assim grande facilidade em expedir e receber telegramas, e bem assim correspondencia e não andar de chapéu na mão a pedir que lhe vendam um simples postal, quando teria ali uma excelente fórmula de se abastecer, e ter a certeza que tanto a correspondencia, como os seus despachos, iriam a seu destino, o que muitas vezes não acontece visto ter

de solicitar esse serviço a pessoa de duvidosa correcção.

Foi ha pouco, pela Direcção dos correios, estabelecido que nas ambulancias postaes se recebessem telegramas para expedir pela estação mais proxima o que é sem duvida um grande melhoramento, mas como essas ambulancias só transitam n'um reduzido numero de comboios e, muitas vezes as estações postaes para onde os telegramas são remetidos, são muito distantes, nunca poderá ser um serviço tão perfeito como o que acabamos de indicar.

Para início, e como a Companhia da Beira Alta, é a linha internacional por excelencia, é para ela que lançamos, em primeiro o nosso alvitre.

Vilar Formoso, tem a sua estação postal a 100 metros da estação do caminho de ferro, e o publico local nada



-PAISAGENS PORTUGUEZAS-
ERMIDA DE S. BRAZ EM EVORA
(Vide artigo a pag. 69)

perdia em tela dentro da *gare*, com uma entrada pela rua, e a outra entrada pela plataforma. É seria um grande beneficio para o publico, pois não só o viajante que ali chegasse do estran-

geiro, teria necessidade de avisar pelo telegrapho da sua chegada, receber a sua correspondencia na posta restante etc, e o que sahisse a fronteira, teria facilidade em telegraphar para o ponto de partida, por uma coisa que esqueceu e por mil e uma necessidades identicas.

Ora Vilar Formoso, tem uma estação vasta, e que nada prejudicaria ao seu serviço a cedencia de uma pequena divisão, não acontecendo outro tanto em Pampilhosa, mas aqui poder-se-hia construir um pavilhão no extremo da *gare* para esse effeito.

Dir-nos-ha alguém que estando a estação-postal tanto em Vilar Formoso em Pampilhosa a curta distancia das *gares*, não haverá necessidade de tal transferencia.

Ha, e bastante, responderemos, pois

por mais perto que esteja, nunca está tão proxima como junta ao comboio, de onde o passageiro se apeia, certo que o não perderá, o que já não acontece tendo sahido da estação.

Bem sabemos que, com a realisacão do projecto que acabamos de expôr, ficaria lesado o caminho de ferro, na receita das expedições de telegramas, mas ella é tão pequena, que, nos parece não fazer a mais ligeira oscillação no orçamento ferro-viario.

O nosso paiz tem um vasto horizonte aberto pelo turismo, e elle só se faz dando facilidades ao publico, e ás vezes ha-as tão pouco dispendiosas e de tão grande alcance, que chega a ser um desleixo não se fazerem, e a que acabamos de expor é uma d'ellas.

GUERRA MAIO.

FESTAS E TRADIÇÕES

A DESFOLHADA

(Conclusão do n.º 6, pag. 45)

N'UMA das extremidades do campo, de entre o arvoredo cerrado entram de surgir umas fôrmas brancas, altas e esguias, com desproporções e movimentos vagarosos de phantasmas, avançam lentamente para o grupo que as recebe festivamente com risadas e exclamações:

—Sam os encapotados! Sam os encapotados!

Apesar de se realisarem, muito fóra da epocha carnavalesca, todas as desfolladas minhotas são obrigadas a esse numero sensacional... os *encapotados* ou mascarados, moços brejeiros e alegres, munidos de compridas varas ou canas, nas quaes prendem um ou dois lençoes que os envolvem todos e assim disfarçados, arengando uma melopeia arrastada, metem-se pelo grupo, atirando-se em bizarras piruetas para sobre a palha, esbracejando, perneando, *esmorsegando* as moças que apanham mais a geito e que vão fugindo a rir.

—Ora o dianho do homem que me ia metendo os dedos pelos olhos dentro...

Arrumados os lençoes e serenado o alegre tumulto, tudo volta aos seus lugares retomando-se o trabalho.

—Oh tio Zé! Então hoje não se dança?

—Então não se ha-de dançar, raparigas?

—E a festada?

—Não tarda por ahi.

As espigas continuam a cahir, uma

a uma, nos cestos em que hão-de ser conduzidas ao espigueiro e as canas

Então um dos moços da desfollada, o que tem melhores prosapias de can-



NO MINHO, UM GRUPO NA «DESFOLLADA»

tador, recebe, a cantar, os da *festada*:

Lá vem a nossa festada,

Ai!...

Lá vem a nossa funcção!

Rapazes, vamos ao vira,

Ai!...

Que lá vem a viração...

Oh vira que vira,

Que torna a virar!

— Dançar, raparigas,

— Rapazes, dançar!...

Com a chegada da tocata o serviço em vez de afrouxar, recrudescer. Enquanto as raparigas, com pressa de dançar, despem mais ligeira e desembaraçadamente as espigas, os moços aviam-se a atar a palha.

Já não chegam os rapazitos para a condução dos cestos das espigas; levam os bem cheios, bem coculados pelo caminho íngreme que conduz á eira.

Emquanto que os da festada continuam tocando e o cantor saúda com cantigas improvisadas e picantes, o patrão da casa, a patrão e as moças mais conhecidas por cantadeiras vão trabalhando sempre, e correspondem com um improvisado galato, com uma cantiga mais ou menos adequada ao assumpto.

Subito, no meio de todo aquele ruido, ergue-se um grito a que sucedem muitos outros:

—A rainha! A rainha!

E' uma espiga de um milho vermelho escuro, cõr de sangue, uma, só, gerada por um unico greiro que o lavrador, ao semear o campo, lançou já propositadamente para que a moça que tiver a sorte de a encontrar, na desfolhada, seja como a rainha da festa.

— Quem foi?

— Fôí a Rosa do Souto.

— Bem empregada!

Ha talvez pequenas invejas que vivem apenas um momento e não transparecem sequer.

A rainha da desfolhada guarda, no avental apanhado para a cintura, a cubiçada espiga encarnada, e o trabalho lá continua entre cantigas e gargalhadas.

A tocata continua a desfiar o seu repertorio de modas; depois do vira, a caninha verde, depois a vareira, depois o regadinho, a chula, um nunca acabar, enfim, de modas que todas teem as suas cantigas e os seus passos de dança habituaes e costumados.

As rimas de milho vão diminuindo rapidamente, a olhos vistos e enquanto os moços atam os últimos feixes ou conduzem os derradeiros cestos, as raparigas levantam-se sacudindo das saias os restos do folhelho e os fios louros das barbas do milho.

Chega a patrão com a comida: uma brõa grande, de meia rasa ou mais, bem esartejada, n'um balaio largo, forrado e coberto por uma toalha branca de linho, com riscas encarnadas, de algodão fino, nas bainhas, junto da franja branca. Ao lado vem um enorme prato com sardinhas fritas e da adega o patrão traz as infusas grandes de barro vidrado, a trasbordar de vinho verde da região.

— Os da tocada que vão lá arriba,

á cosinha, que lá teem que mastigar e para beber.

Emquanto os da festada se dirigem para a cosinha onde os espera, já na meza a cêia de bacalhau assado nas brazas e a sobrezeza de nozes, cada um dos outros vae tirando do prato uma sardinha que quebra pelo meio entalando-a entre dois bons nacos de pão, formando assim, inconscientemente, uma original sandwich caracteristicamente minhõta.

Comem em bocadinhos, de vagar, «beijando» a miudo as infuzas que são renovadas apenas vasiaas.

— Vamos lá para a eira, rapazes!

E' a sala do baile.

Sobre as pedras planas, unidas a cimento, onde nos dias esbrazeados e quentes o sol ardente seca e tigna o milho que vae ser guardado nas tulhas á espera das boas feiras, ou reservado para o fim do ano, n'aquella noite formosa de luar claro, formam-se para as danças varios grupos, de quatro, dois moços e duas moças.

A tocata rompe com impeto uma moda e todos os grupos se põem a girar n'um movimento regular e compassado, cada um sobre si.

F. NEVES PEREIRA.

A VOLTA DE CINTRA

UMA vez que iniciámos em Lisboa, o nosso passeio de circulação; e tendo percorrido já a Costa Dourada, dado uma volta por Cascaes e saboreado a bella jornada desde esta Villa até á pittoresca Cintra, seriamos injustos se não descrevessemos, também, a volta dessa bella estancia, pois que d'alli regressámos já...

Perguntará, talvez, o leitor, o que

que foi cumprido, e que poderá dar uma idéa a seguir por quem tenha desejo de o fazer do mesmo modo que nós o gozámos — sem, contudo, enunciar-mos — sequer — a pretensão de que alguém siga as nossas passadas...

Isso não; não somos Baedeker, ou na poetica lingua de Camões: manual do viajante em Portugal.

(Vá lá este reclamasi-nho á valiosa obra do sr. Mendonça e Costa...)

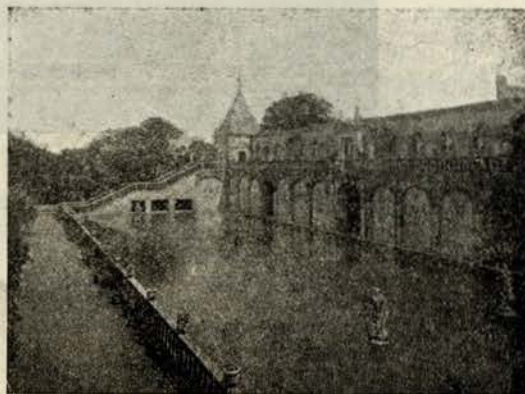
— Adiante.

Tinhamos, na nossa ultima etapa, attingido a bordada Villa onde D. Affonso VI exhalou o ultimo suspiro, e onde, dois seculos depois, se assignou a historica convenção que nos libertou d'um dominio em que o general Junot teve registada influencia; e sendo, então, já horas de confortarmos o nosso vazio estomago, resolvemos

jantar e alli passar uma noite, para melhor retemperarmos o nosso espirito e regressarmos, depois, com maior descanço.

Assim, procurámos o *Lawrenc's Hotel*, que, pela sua mais attrahente situação, nos captivou de preferencia.

Terminámos a nossa refeição quando a noite, já alta no espaço, envolvia com o seu denso manto de estrellas, a mimosa e fresca Cintra, como que protegendo-a carinhosamente da impetuosidade dos temporaes. E o desejo de vivermos um pouco entre o seu incomparavel mysticismo, levou-nos a percorrer as suas sinuosas ruas, os seus montes encantados e os seus valles tristes.



BENFICA
LAGO DO PALACIO DA MARQUEZA DE FRONTEIRA

encontrámos digno de menção especial n'esse caminho, que quasi todas as pessoas percorrem sem darem por nada, além das bellezas naturaes; e nós responderemos: muita coisa — como vae ver-se — porque, quando passeiamos ou viajamos, nada escapa á observação do nosso sentimentalismo; coisa alguma se passa sem que estes nossos olhos nos transmitam a impressão do que viram — e, muitas vezes, escusavam de ver tanto...

Para melhor se comprehender esta nossa descripção, devemos, em primeiro logar, dizer que a fazemos sobre o programma do nosso passeio real,

Assim andámos por longo tempo, entregues ao mysterio da sua vida, escutando o rumor das arvores, ouvindo, na brisa que perpassava, os echos longiquos dos gritos que se reproduziram na sua solidão, e lendo nos seus variados aspectos os feitos e factos, os casos e coisas que n'ella viveram; alguns, porem, apenas a vida ephemera das rozas de Malherbe.

Regressámos ao Hotel. Uma noite deliciosa passámos no isolamento d'esse pequenino burgo, evocando o passado, rememorando trechos dos nossos dias e... esquecendo o presente, por causa dos paralellos...

Acordámos com a aurora. Manhã linda e impressionante. Ao Nascente, os effluvios da Natureza scintillavam em uma poalha doirada, a que os primeiros dardos solares punham fulgurações de brilho intenso. No Poente, a Virgem da noite recolhia o seu manto, desnudando a flora exuberante que languidamente se espreguiçava e preparava para, com ar festivo, receber o Rei dos Astros.

Um côro harmonioso de delicadas avesitas, animavam inconfundivelmente este seductor quadro.

Corremos para o seio d'essa magia, atraídos pela seducção dos seus multiplos encantos, a embrenhar-nos na suavidade do seu viver, na dulcificação do seu ambiente e na aristocracia das suas recordações.

Fomos a Monserrate, visitámos a bella propriedade do Sr. Dr. Carvalho Monteiro, caminhámos pela fonte dos Amores, apreciámos toda a architectura das suas vivendas—enfim, disfructámos, em um momento que nos pareceu curtissimo, os prazeres maximos que a bella Cintra bizarramente offerece.

... Mas tinhamos que partir; forçoso era, pois, prepararmos-nos para a viagem.

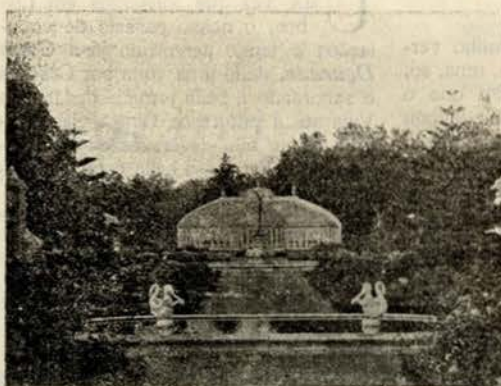
Tomado o pequeno almoço, puzemos o auto em andamento para Queluz. E n'um olhar de saudoso adeus ao esculptural Paço da Villa, dirigim-nos por essa ingreme ladeira que dá accesso a S. Pedro, onde alguns feirantes se preparavam já para as transacções do habitual mercado dominigueiro; seguimos a estrada que vem dar a Cacem e á nossa mente occorram os motivos de quadros antigos, do tempo em que os nobres e titulares, seguiam por essa estrada transportados nas suas brazonadas traquitanas. Toda a vida d'então, quando reinava a belleza das donas dos tempos idos e a galanteria dos gentil-homens da corte, nos era accusada nos variados marcos que, pelo caminho fallavam á nossa memoria, sensibilizando-nos dôcemente as recordações invocadas nos livros que nos instruíram.

Atravessámos assim esses trinta minutos que separam Cintra de Queluz, durante os quaes o nosso espirito, desprezando por completo as frivolidades do presente, recordou-nos, com energica revivencia, as immortedouras paginas da Historia Patria.

Queluz era o complemento d'essa lição que repassavamos; e essa pouco mais do que aldeia surgiu-nos no avigoramento das nossas idéas como um novo marco milliar, como um exemplo do nosso engrandecimento d'outr'ora.

Queluz só tem de interessante o Palacio. E' o unico e bastante attractivo.

Pena é, porém, que n'esse logar não hajam as commodidades inherentes á sua situação historica, como um bom hotel ou um restaurante, para servir almoços decentes, lanches aseiadados e outras refeições com o esmero que attrahe.



LISBOA—PARQUE DAS LARANJEIRAS
O LAGO

D'esta maneira, quem orienta o seu passeio como nós o fizemos, tem de limitar-se a ingerir o modesto almoço no mais ainda modesto hotel que alli se encontra; o que, para os estrangeiros — principalmente, é pouco.

Mas deixemos isso para a Sociedade de Propaganda, a quem o caso compete, e visitemos agora o palacio. Todo elle nos divulga a munificencia do passado. E, embora tenha sido theatro de periodos agitados da nossa historia, em época bastante remota, ha, ainda, nas suas paredes, nas suas portadas, em todas as suas divisões, vestigios do tempo em que brilhou. Vêem-se, alli, se bem que já quasi diluidas na voragem dos annos, as sombras dos personagens que n'elle se exhibiram com o fausto da sua grandeza e do seu poderio.

Essa inestimada joia do nosso patrimonio está, todavia, ainda, pouco cuidada para o que desejaríamos vê-la, não obstante haver já quem tente pôr em completa execução a genial idéa de o alindar mais com o característico e valioso recheio do seu tempo.

O Palacio de Queluz é simplesmente, um precioso monumento nacional; e dentro das suas paredes deve guardar-se, com o indispensavel carinho e com um são criterio, o monstruario de riquezas que alli se archivaram, e completa-lo com as que, conjugando-se com a sua historia, n'elle devem permanecer, e alguma coisa signifiquem.

Percorremos todo o Palacio, as suas elegantes escadarias e o seu bello parque.

— Como a alma se enche de gozo ao contemplar todas as faces d'essa valorosa joia!?

Tudo alli falla ao espirito observador; tudo encanta a vista; tudo engrandece o nosso sentimento.

— Que soberbo paraizo para repouso dos espiritos agitados e refugio dos tímidos...

Deixámos Queluz envolta nas suas recordações historicas, a que a bateria de artilharia alli aquartelada põe a nota grave no revigoramento dos quadros traçados sobre capitulos do passado.

... E seguindo o nosso caminho, cortámos a meio a florescente Amadora; avistámos d'alli as casitas brancas de neve que, com bucolica poesia, povoam a Falagueira — a mais remota povoação d'este arredor — e chegámos á estrada de Bemfica, que toda a gente percorre sem prestar a minima attenção ao que no seu caminho se encontra.

— Então o que ha nella? — perguntará essa *toda gente*.

Ha, simplesmente, o que vamos enumerar: um optimo parque, logo á entrada, para recreio infantil; a seguir, uma boa avenida, que se chama Gomes Pereira, larga e orlada de frondosas arvores mais adeante, a formosa quinta das Campainhas, ou «Bon-sejour» que foi predilecta vivenda do seu proprietario, o fallecido Barão da Gloria, José Leite Guimarães, vulto que obteve uma certa notoriedade na sociedade do seu tempo.

Chegámos, então, ao fim de Travassos, e o nosso instincto impelliunos para o aprazível logar onde se encontram três authenticos documentos historicos: a capella de S. Domingos de Bemfica, a Quinta do Infantado, onde antes da Republica estava o collegio da fallecida fidalga, Senhora D. Thezera de Saldanha Oliveira e Souza, da casa de Rio Maior; e o solarengo palacio dos fallecidos Senhores Marqueses de Fronteira, hoje, por legitima successão, na posse dos Senhores Marqueses d'Avila e Bolama.

A biographia d'esses três documentos historicos é de tal grandeza que não pôde, de forma alguma, caber no singelo (mas já extenso) resumo d'um passeio de recreio.

Por isso deixamo-la para penas mais autorisadas e brilhantes; mesmo porque a nossa, de tanto uso que tem tido, já está fosca...

Tomámos, depois, a direcção do Parque das Larangeiras, seguindo pela azinhaga das Furnas; e a breve trecho, os dois magestosos torreões annunciavam-nos a sua entrada.

Sacudimo-nos, então, do pó; composémos a nossa *toilette* e calçámos as *guantes* brancas, pois quem allí

vae, não para visitar o Jardim Zoológico, mas para admirar o Parque das Larangeiras, não deve entrar sem chamar a si as recordações dos punhos de rendas com que no faustoso tempo do Conde de Farrobo, se foram escrevendo as memorias da sociedade requintadamente distincta da epocha.

O Parque das Larangeiras merece, também, as honras d'uma menção especial e detalhada, que será feita em outro numero d'esta Revista; por isso, registamo-lo aqui simplesmente como um dos muitos recreios espirituales da nossa Cidade e que merece toda a attenção que lhe vem sendo dispensada.

E, para terminarmos este mais longo artigo do que o trajecto de Cintra a Lisboa, mencionaremos, como ultimo marco historico n'esta já comprida jornada, o singelo mas imponente palacio Azambuja, em Palhavã, ligado, seguindo a tradição, a factos da nossa vida, embora não tão brilhantes como outros do seu tempo, mas, sem duvida alguma, mais interessantes que as descripções do auctor d'esta maçada...

De Palhavã á Avenida nada ha de notavel. E, estando-se na Rotunda, todos sabem o caminho para as respectivas casas.

JOSÉ LISBOA.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

O ALEMTEJO

NADA n'este mundo mais injusto que a popularidade, e nada mais irrefletido que a Fama. Quantas coisas, sem motivo, chegam ao apogeu da gloria, e quantas outras, nunca conseguem transpôr os primeiros degraus da popularidade, embora lhe restasse uma absoluta justiça.

A má fama, corre a quatro ventos atraz da sua victima, sem que ella consiga fugir-lhe.

Está n'este caso o Alemtejo. Pois para

bitavel, despida de encantos e poesia, e quando muito, lhe chamam com um fraco valimento, o celeiro nacional.

Que injustiça!

Quem assim fala, são os que o conhecem de relance, e o atravessaram entre a poeira do caminho de ferro, ou sob o frio irritante das invernações. Nunca certamente entraram em um lar alemtejo, nem tão pouco sentiram a melancolia doce

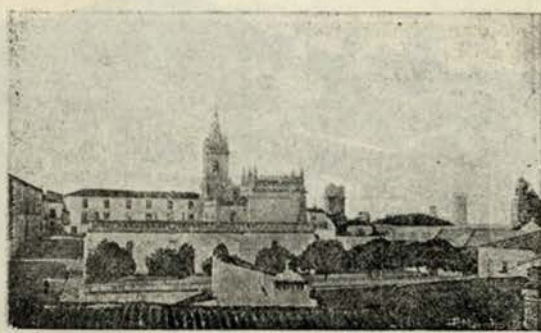
ante uma paisagem de sobreiraes erguidos ao ceu como um calix enorme, onde se vem depositar um orvalho macio e fecundante.

Mas leitor amigo, se nunca viste o Alemtejo, ou se tens por ele só a lembrança da terra fecunda onde medra o trigo, e onde engrossa a cortiça, anda comigo, e certamente has-de encontrar mais alguma coisa que não seja só o bom agricultor que enche as tulhas de pão e os porões dos navios de cortiça.

Ao chegarmos a Valdéra, assistimos ao desenrolar da enorme vinha, a maior do mundo, que a energia de José Maria dos Santos, simbolo saudoso do trabalho nacional, plantou, entre os seus alinhamentos sem fim, sobreiros, para que—quando a cepa cançada de lhe

escorrer das suas vâras o delicioso vinho, vá descançar, sob a lareira, desfazendo-se em brasas—fique, a terra fecunda, dando cortiça e sombra aos gados e aos pastores.

Agora passada a charneca, temos essas planuras extensas, com o trigo ondulante, beijando com amoroso ca-



MOURA
UM TRECHO DA VILA

rinho as papoilas rubras e sorridentes; que a aragem fina da manhã faz ondular em leves curvas, como uma maré de outono na superficie ampla de um lago. Aqui e além sombras de oliveiras esperam-nos para descançar e gosarmos a doce paz da vida campestre, entre a natureza sã cheia de candida monotonia.

Vamos a Montemor, estendido no seu amphetheatro, a que sobreiraes e azinheiras seculares, dão uma nota de solemne gravidade, e vamos mais além a Beja mirar do alto do seu castelo a maior vastidão de searas que a vista pôde abranger, desçamos a Moura, a ver sob os alpendres das antigas casas, esses olhos negros, e esses rostos ebórneos que a raça arabe deixou na mulher alemtejana.

Subamos a Evora, a historica cidade, cheia de monumentos e tradições, e onde atravez das suas ruas seculares,



EVORA
PORTA GARCIA DE RESENDE

muita gente, não passa a grande planura alemtejana, de uma terra inha-

temos a impressão da velha raça arabe desaparecida.

Desçamos agora a Reguengos de Monsaraz e entremos nos enormes celeiros a abarrotar de trigo, e vamos mais adiante, a Extremoz a janota e elegante vila Alemtejana, que serviu de abrigo á famosa rainha Leonor Teles, e ao amoroso rei D. Fernando, e hoje nas suas casas modernizadas, habita uma quasi fidalga sociedade, vestindo pelos mais modernos figurinos e em cujas salas á noite se dança ao som do tango argentino.

Adiante, Borba e Vila Viçosa, disputam com as suas verduras, e com as suas numerosas nascentes de deliciosa agua a primasia de uma Cintra no Baixo Alemtejo.

Passemos agora no carro alemtejano

ante o panorama admiravel dós seus Olhos d'Agua.

Desçamos a Marvão, e vamos mais alem, a Santo Antonio das Arelas, ver se encontramos ainda a Emilinha ingenua e o Bento bonacheirão, o bondoso Patacas e o astuto Prior, o mestre-escola, solteirão e latinista e a Narcisa rabugenta, todas essas figuras com que D. João da Camara enramalhetou o poema de prosa idyllica dos «Velhos».

Falta-nos agora benevolo leitor, entrar no lar alemtejano. Entremos no primeiro, os outros são todos eguaes.

Na sala ampla e ladrilhada de tijolos, piedosas imagens de santos, de sagrada devoção, pendem das paredes brancas de neve. Não ha ali retratos de filhos ausentes, porque o Alemtejano,



PORTALEGRE
PRAÇA DA REPUBLICA E PENHA

para Elvas, recordar nas suas ruas varridas, nos cravos debruçados nas varandas das suas casas, mais brancas que a neve, e nos terraços das velhas habitações mouriscas, a antiga lusitania, guerreira e generosa, e vamos vêr nas velhas muralhas que apertam ao local onde Geraldo Sem-Pavor, atirou a sua bandeira sagrada, para que em terra inimiga não a desfaldassem ao vento.

Resta-nos agora a parte mais verde e mais acidetada, Portalegre e Castelo de Vide, este no alto do seu montado, á espera que o caminho de ferro um dia chegue lá a levar-lhe os viajantes, para que possam gosar a amenidade do seu clima doce e saluberrimo, e aquele, como as azas de uma pomba branca estendida entre os verdes escuro do seu arvoredo, chamando-nos até lá para nos estasiarmos

contenta-se com o seu ceu, não emigra nunca.

Ao canto esmalta-se o armario, onde a louça, de olaria barata, resplandece com os seus cavaleiros azues e as suas rosas e amores perfeitos, e no quarto ao lado, sobre o catre tradicional alveja a roupa de neve. E por toda a casa um asseio sem igual, e um cheiro a alfazema a respirar das arcas da roupa lavada. E lá ao fundo no lar, junto ás alegres chamas de azinho, e do tojo, reune-se a familia nas noites de invernia, onde os velhos ensinam aos netos, contos ingenuos de fadas e de moiras encantadas.

GUERRA MAIO.

EXPEDIENTE

— Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

BIBLIOGRAPHIA

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO
O MUSEU
UM APELO MALOGRADO

POR CRUZ MAGALHÃES

TEMOS sobre a mesa este interessante folheto, em que o seu auctor aprecia com magua, o resultado improficuo com que ele ha anos vem lutando para se perpetuar a memoria do glorioso artista, que na vida se chamou Raphael Bordalo Pinheiro.

O folheto em questão, muito bem redigido, refere-se ainda ao museu Bordalo Pinheiro, instalado n'um elegante edificio, uma perfeita joia de architectura, por ele legado á Camara Municipal de que já esta *Revista* se occupou.

Em breve faremos uma visita ao museu e então poderemos dizer aos nossos leitores, mais alguma cousa que estas ligeiras notas, sobre o grande genio que foi Bordalo Pinheiro.

AS THERMAS DE VIDAGO

POR ANTONIO RODRIGUES DA SILVA JUNIOR

RECEBEMOS um interessante opusculo, sobre as famosas aguas de Vidago, e em que o sr. Silva Junior se refere ás obras grandiosas que ultimamente foram feitas pela Empreza das Aguas de Vidago.

Não é para nós uma surpresa, pois conhecemos muito bem não só o efeito das celebres aguas como tambem a arte e bom gosto que tem presidido não

só ao magnifico Palacio Hotel, como tambem aos pavilhões das fontes e mais dependencias, do estabelecimento, como no magnifico parque, que é por assim dizer o complemento do nosso primeiro estabelecimento thermal.

O folheto do sr Silva Junior, lê-se sem fadiga, e podemos mesmo afirmar ser das melhores publicações que se tem feito sobre Vidago.

Vem illustrado com muitas photographuras, de varios edificios, e parque, e bem assim do magnifico balneario em construcção, e da nova fonte n.º 2-A.

Devemos dizer, para terminar que grande parte dos edificios, como sejam o pavilhão monumental da fonte de Sabroso, o da Fonte n.º 2-A e do Balneario, são projectos do auctor do folheto, que pela elegancia da sua construcção o honram sobremaneira.

HINO A VÁRZEA

LAGOA DE MINDE

Salve! Filha das serras misteriosas
De Aire e de Minde! Trono de mil galas!
Jóia cercada de prisões rochosas.
Que bem namoram abegões, zagalas!

Para louvar, ó Minde, essa tua veiga.
Bem carecia pena de diamante;
De Choffat traí a fronte sábia e meiga,
Do Tasso acesa em estro fulgurante.

Por decreto da próvida Natura,
Dos Ceus és cornucópia e anual espelho,
Em favor especial da agricultura,
Que tem Moz e Alcanena por concheio.

Atroz doença epidémica, incurável! (1)
Verifiquei, com gáudio, que era lenda;
O Minderico é forte, saudavel,
E do talento inato gosa a prenda.

Salve, do excelso monte ó encosta agreste,
Onde da Ovelha bale a esquiua gruta!
Baixando os olhos á mansão terrestre,
Um belo panorama se disfruta.

Que extensas, nobres glebas produtivas!
De arvoredos genitis que fruto idóneo!
Sonhão-se, ao longe, as flores perspectivas
Da serra angelical de Santo Antonio!

É's favorita, por formal condão,
Da bela Diana, de Pomona, Ceres,
Venus, e até Netuno, em a sação,
Em que vestir-te de cristais preferes.

Lavra-se e pesca-se em teu seio bento!
Mudas de traje á voz das Estações!
Várzea undosa e galante, é um portento,
Onde a ventura jorra em borbotões.

Tuas ondas cobrem as árvores mais gradas,
Vinhas fidalgas, sólidas nogueiras:
Onde juntas de bois pelas canadas,
Viajam depois famélicas bateiras!

Tem caprichos tuas águas misteriosas.
Tem enguias e eirões tão preciaças,
Que, em Portugal, Brazil, mais saborosas
Não ha, diz Dom João sexto, em celas gradas.

Não teve o Paraíso terreal,
Apesar de bordado por bons rios,
Que a Biblia canta, privilégio igual,
Nem precioso colar de tantos fios.

Em Breitungem, na Fossa dos Aldeãos,
Como em ti, peixes, doces águas pulam,
São, por certo, taes campos dois irmãos,
Que a estudar ao geólogo estimulam. (2)

Se Emilio Haug em seus cálculos não erra
Teus repuxos não são, Minde, nascentes,
Pois, a propósito da tua terra,
Bem claro os denomina *ressurgentes*. (3)

Entre Rio Maior e Torres Novas
(Dos calcáreos do Jura altos arcanos!)
Cordas de serras ha, do que são provas
Reguengo, tu, ó Minde, e os Molianos.

Porque és calva, deserta, inabordable,
Diz, com talento, de Ribeiro a pena; (4)
Mas, tal qual és, parecés-me adoravel,
Pristina amante do meu pátrio Lena!

Do massico calcáreo fazes parte,
Que, de Porto de Moz e freguesias,
Por tantas cordilheiras se reparte,
Que as não posso correr em breves dias. (1)

Mas urge proteger as grandes fontes
De terrenos assim, brada Martel; (2)
Terrível poluição, vinça dos montes,
Dos tifos gera sempre o vil tropel.

Dos poços a medir a altura basta
(Quando de lá descer haja o projeto)
Ver os segundos que uma pedra gasta
A cair, no seu trânsito direto. (3)

Teu corpo é quadrilongo e ha nos extremos
O' Lago, dia e noite, guardas fidas;
Quer lavrando com bois, ou vela e remos,
Andam de amor por ti sempre perdidas.

Como, em precioso anel, qualquer admira
Pérolas duas do mais belo Oriente,
Ornam teu cinto de ouro Minde e Mira,
Que são jóias também dêste Occidente.

Pois, tal a Suíça, por saber (quão fina!)
Onde as suas águas vão sob as geleiras,
Sentinelas! Lançai fluoroscina (4)
Pelas goelas do Amado e nas tranqueiras.

Tingir-te-hão dela quatrocentas gramas
Quinze mil metros cubicos, ó Lago,
E onde quer que surgir, saibam as Damas,
Que as águas verdes não farão estrago.

Tens Câmara, Comarca, com figura
Bem diversa? Políticas razões,
Tanto apartando quem uniu Natura,
Não desunão (oxalá!) seus corações.

Salve, problemas, que suscitas, Minde!
Teus hieroglifos quem soubera lêr...
Se o presente não tem quem os deslinde,
Do futuro na sciência ha-de algum ter.

Tiveste ser da pedra nas edades?
Palafitas, Kranoges, bens lacustres?
De anos quantos milhões nas cavidades,
Que, por incuria só, não são ilustres?

Vão dos ricos as águas com sossêgo
No Minho, Douro, Tejo e Guadiana;
Mas ponte sobre ponte, no Mondego,
Provão que a aluvião a Coimbra dana.

De Setubal campeia hoje a cidade,
Que é do Sado na foz lúcida jóia;
De cego aluvio, ao Sul, surda maldade,
Lhe submergiu quicá fronteira Troia. (4)

Sir Lyell calculou (genial pessoa!)
Que a metros vinte e dois fossil achado,
No coração fiel de uma lagôa,
Fôra ha trinta mil anos enterrado.

Para o seu cálculo tomou por base
Milímetros sessenta e três de lódo
Por século, e havido não ter fase,
Ou cataclismo, que influenciasse o todo.

Percentage igual se estás depondo,
(Da do Nilo metade, pasmem Luas!)
Em seis mil séculos, eu não te escondo,
Que beijarás a fronte ás serras tuas.

A decifrar os teus enigmas fundos
A parca sciência hodierna ainda é impotente;
Acima dos talentos mais profundos
Paiars, qual nebulosa, ó Minde, ingente.

Mas, qual ao zoologista serve um osso
Para compôr o ser em que existiu,
Um dia bastará teu arcabouço,
Para saber-se quanto a Terra viu?

Salve! Jardim de etéreas maravilhas!
Mármore de Este e Oeste, ao Norte e Sul
Da Lusitania entre as lagoas azulhas,
Qual branca Sírio no planalto brihal.

As de Óbidos, da Estrêla, de Albufeira,
(Santas irmãs!) não te contestam palmas;
Por mil arcanos, és mais feiticeira,
Mais dos geólogos encantas almas.

A envergadura tens circunvizinha
De algares, boqueirões, tão recamada,
Que, visse-a Lyell, sentenciára asinha:
É uma esponja louça petrificada.

Fazem-te a côrte inúmeros tesouros
No famoso *Covão do Regatinho*.
Pena do Poyo (célebre por Mouros)
Lapas do Coelho, Ovelha e do Mindinho.

Desadorando fantasias lendas,
(Que tanto esmaltam o segundo e quinto).
Salvar pôde o primeiro honra e fazendas,
Na francêsa invasão, que ora não pinto.

Porque te recomendes muito, em tudo,
De Portugal á Propaganda empirea,
Não valha embora demorado estudo,
Até possues bem curiosa *gria!*

Das tuas margas sem fim, do sedimento
Rubro, que ostenta, a flux, o *Olho da Mira*,
Qualquer homem descência e entendimento
Inclitos fôsseis a encontrar aspira.

Em tuas longas, musicais cavernas,
Peito humano haverá que não palpite,
Ao contemplar as concreções eternas
De tanta estalagmite e estalactite?

Occultas nos mais lóbregos abismos,
Podem colunas tais, tão espantosas,
O cômputo afinar dos cataclismos,
Que tem revólto as formações rochosas? (5)

Pese embora a Moyses e á Biblia Santa,
E' um milhão de anos zero de orçamento;
De areia um grão que o Sahará levanta
Vale mais, no crisol do Firmamento.

A Paleontologia que amanhece
Cic que, na evolução da Terra alada,
Tempo, Espaço, Materia se carece,
Mas que, para a Natura, o Tempo é Nada.

(1) Vid. Ovidio, *Metam.* XV, V. 293. (2) Martel sus-
tenta que não num folheto de 4 pag. (Paris, 1903).

(1) Pinho Leal, Portugal Antigo e Moderno, *verbo*
Minde, Olho de Mira.

(2) Maltebrun, *Geogr.* pg. 139.

(3) *Trat. de Geol.* T. 1.º p. 359 e anteriores.

(4) Memoria cit. no n.º anterior de Carlos Ribeiro,
pg. 68.

(1) Mem. cit. no n.º ant. pg. 12 Vid. mais: Oa Cal-
careos do distrito de Leiria por Pereira de Sousa, Lis-
boa, 1906; pg. 100-147 trata dos conc. de Porto de Moz
e Batalha. Choffat e Bensaude, estudos sobre o sismo
do Ribatejo, pg. 75 (Lisboa, 1912). E. Fleury acerca do
massico de Porto de Moz, *Relatos da Ac. das Sciencias*
de Paris T. 161, pg. 532, (1915). (2) Nota de 7 pag. (Bru-
xelas, 1902.) (3) Pela formula 1/2 p1³. (4) Acerca do em-
prego da *fluorescencia* em hidrologia, vide os seus folhe-
tos (Bruxelas, 1905) (Rennes 1879); V. mais as *seg-*
brochuras de Martel: *Exploração subterranea da França*
XII.ª campanha (Paris, 1899); a *Caverna de Trepail* (Mar-
ne) e as *vias subterraneas da Crê* (25 pag. e 1 mapa,
Paris 1900); *Exploração hidrologica dos Pirineus* (Tolo-
sa, 1904); *Cavernas de Mallorca* (Paris, 1903); As *re-*
centes explorações subterraneas, 1884-1900 (Congresso de
Paris de 1902) (Paris 1901); *Universalidade e antiguidade*
dos *fenomenos cavernosos do calcário* (Congresso de
Montauban de 1902) Paris, 1903; *Resurgencia dos poços*
na Inglaterra, e *chronometria da erosão subterranea* (Pa-
ris, 1904; XIVª e XVª campanhas subterraneas em 1901
e 1902 (Paris, 1903); *Aguas subterraneas e abismos da*
região Vascongada (Rennes 1901, 16 pg.); *Recentes ex-*
plorações subterraneas e progressos da Speleologia
(Bruxelas, 1902); *Aplicação da thermometria á captação*
das *aguas alimenticias* (Paris, 1905), etc. etc. E, sobre-
tudo, *A Speleologia no seculo XX*. Boletim e *Memorias*
da Sociedade de Speleologia (Spelunca), Paris, 1905,
810 pag.—Choffat, *Sirt.* *Crete*. de Port. Lisboa, 1900.

Ha, nos teus antros, galerias várias,
Que, com violencia, quiz a agua que vence;
Terra-tijolo, incrustações calcárias,
Nateiro avermelhado, a lama ocrense.

Fotografára, do magnésio á luz,
Que tanto emprega a santa arqueologia, (1)
Se, em passeio que tanto me seduz,
A bagagem não fosse uma utopia.

De anos em turbilhão, quanta corrente,
Ossadas, limos, e da industria humana
Miríades de objetos, certamente,
Arrastado terá com fúria insana!

Em Plymouth, a caverna de Oreston
(Com mais vinte ligada) tinha perto
Ossos de Rinoceros, disse o bom
Cuvier, naturalista mui deserto (2)

Uma outra (zoolítica), se deu.
Na Africa, Saharasauro prodigioso,
Porque não hei-de, dos teus cofres, eu
Um dia haver de igual surpresa o gôso?

Se os ursos das cavernas não são mito,
Se a gruta de Aurignac saiu portento,
Com sobeja razão eu me peemito
Teus covões enricar no pensamento.

Nateiros como são no teu terreno?
De Bischoff não provou químico estudo
Lama do Nilo ter, loess do Rheno,
Iguais composições, irmãs em tudo?

Na pátria série paleozóica, ao todo,
Asseguram da sciência os bons amigos,
Que invertebrados, caminhando a rôdo,
(Bilobites) são os fósseis mais antigos.

Da Nazareth, do Liz, e de Muel (3)
A flora fóssil é surpreendente;
Mas não me cabe, em tão veloz papel,
Os mestres citar todos dignamente.

Porque as cósmicas leis são sempre iguais,
E jamais sofrem minima exceção,
Tu, Minde, explicarás outras que tais,
E do inteiro Universo a evolução?

Tal Veiga, se em mãos Suissas estivesse,
Fôra, por certo, um luso Potosí,
Todo o Estrangeiro, que por cá viesse,
Oceanos de ouro derramára ali.

Carso e Rasçot, Kircknitz, se cantou o Tasso (4)
(A qual só em forma e dimensões variava),
Aceita a saudação que hoje te faço,
Preito de amor de uma alma tua escrava.

Da esforçada Leiria outrora leira,
Hoje de Santarem honesta mola,
Salve! Região fabril, trabalhadeira,
Onde ninguém se abaixa a dura esmola.

Dês que a República luziu de Outubro,
Revolucionando a alma e o lar gentil,
Divórcio, em Minde e Mira, não descubro,
Nem Consórcio, ou Baptismo, só civil.

Para esmalte da gleba nobre e rica,
Por atavismo e cética ventura,
Como Camões, a gente minderica
Tem do Homem—Deus o amor e a lei segura. (5)

ALFREDO ANSUR.

(Seguirá a viagem no n.º proximo)

(1) V. Brochura de Martel já cit. (Roma, 1904). (2) Ossos fósseis, T. 2.º, p. 49. (3) P. pg. 25 e 4.º pg. 409. Sobre as grutas da Gibraltar, pg. 107 e seg. (4) Marquez de Saporta. A flora fóssil de Portugal (Lisboa, 1884), pg. 198 e 210 e as estampas XXXV e XXXVI, consagradas a Nazareth.—Dollfus e Cottey, Moluscos Terciários de Portugal pg. XXI. (5) V. Réclus, Nova Geogr. Universal, III, Europa Central, pag. 230-233 e 275, (Paris, Hachette e C.ª, 1878) (6) Lusitadas, 165.

CONFERENCIA SOBRE TURISMO

REALISADA NO CASINO DAS THERMAS DE S. PEDRO DO SUL

Continuado do n.º 8 (pag. 63)

A HESPAÑHA PREOCUPA-SE COM O TURISMO

Até a vizinha Hespanha, onde a verdade do arvoredo se estende apenas ao longo da costa Cantabrica e Mediterrânica, deixando um sol abrasador ou um frio siberiano desvastar a extensão de Castilla, tenta também disputar a industria turística, construindo em Madrid o Palace Hotel, o Hotel Roma, o Ritz; em Barcelona, o Palace Hotel; em Vigo, o Hotel Continental, e muitos outros, e faz uma propaganda aturada das suas jóias de arquitectura, como sejam as suas universidades, os seus castelos e as suas cathedrais.

A PROPAGANDA DOS NOSSOS MONUMENTOS E COSTUMES É DEFICIENTE E MAL ORIENTADA

Nós, então, espalhamos, para o estrangeiro, me'a duzia de photographias e vistas em papeletas sem gosto, e, mesmo assim, limitadas aos Jeronymos, á Torre de Belem, á Batalha, á Pena, o que dá certamente ao estrangeiro a nota desagradavel, que não temos outra coisa que apresentar.

Dos nossos costumes, tão interessantes, valha-nos Deus, nem vale a pena falar, desde esse Zé Povinho, com a pouco original cara de parvo, com que Bordalo o pintou, até á mulher de Viana, nada mais ha que mostrar.

Sobre este assumpto apelo para V. Ex.ª, minhas senhoras, se ainda lhes gira o sangue de revolta de Maria da Fonte, façam uma revolução colossal ao negregado vestido da mulher minhota, que dá, perante o estrangeiro, á mulher portugueza, a nota triste que não tem outro vestido para se apresentar em publico.

Por isso, minhas senhoras, vós, que vos sabeis vestir com tanta elegancia, vós que tendes tanta desenvoltura e graciosidade no andar, fazei um auto de fé na praça publica ao costume minhoto, sepultando-o nas cinzas do esquecimento.

E' preciso que se mostre ao estrangeiro, que ha em Portugal mais alguma coisa de belo, que em cada terra ha uma tradição, que em cada lugar ha sempre uma mulher que nos fascina, e uma alma que nos cativa.

A SURPREHENDENTE BELEZA DA REGIÃO DE LAFÕES

Eu conheço Portugal inteiro, tenho viajado em todos os comboios, tenho

quebrado os ossos em todas as diligencias, em pacientes longadas, por montes e vales, á procura de paisagens, costumes e monumentos. E não se me deparou ainda, uma paisagem tão empolgante como a do vale de Lafões. Aqui, como diria Eça de Queiroz, sinto, como em parte alguma, a delicia de viver.

Não quero, porém, massar V. Ex.ª com a descripção da paisagem lafonense, que seria descabida de todo, pois, bastará V. Ex.ª chegarem á janela para sentirem, como eu, a maviosidade d'esta terra bendita, mas desejo sómente dizer-vos o futuro que prevejo no seu desenvolvimento.

A região de Lafões ha-de vir um dia a ser, e não será tarde, o ponto obrigatorio das excursões em Portugal. Nada aqui falta, a paisagem suave e doce, a serenidade do azul anilado do Ceu, as melhores aguas thermaes da peninsula, a amenidade de um clima saluberrimo, conjugado com a Historia patria gravada nos braços dos porticos das casas senhorias e a arte do genio portuguez, patente nas telas admiráveis de Grão Vasco, na pre-historica Sé de Vizeu; tendo a coroar tudo isto ainda a bondade pastoril dos habitantes d'estas serras, e essa candura de benção a cahir dos olhos da mulher de Lafões.

A MULHER DE LAFÕES CHEIA DE MEIGUIÇE E CANDURA

Dizer-se que a mulher lafonense é bela, seria mentir. Os esculptores não encontrariam aqui modelos, mas a arte divina da pintura, tem aqui, em cada rosto de mulher, uma tela de tão delicado colorido, que faria inveja ao pincel de Rubens ou de Murillo.

Mas, se algum dia os esculptores aqui vieram, foi para modelar esses rostos meigos e candidos da Virgem Maria, que nós vemos nas capelas, que dominam com a sua brancura de neve as nossas serranias, e onde o povo humilde vae pedir alívio aos seus pecados.

Mas, meus senhores, com toda esta beleza, a região de Lafões só é conhecida por algum excursionista que, ao acaso, por aqui divagou. Até ha pouco, um homem viajado pela Europa inteira, me confessou não conhecer Lafões; apenas recordava uma superior vitela que o havia refastelado n'um almoço, em Lisboa.

GUERRA MAIO

(Conclue no proximo numero)